

A qualidade da ciência brasileira exige realmente a volta do MCTI?

Artigos

Em destaque

21/06/2016



NAGIB NASSAR,

Especial para o **Direto da Ciência***

—

Em um artigo publicado em novembro de 2014, a prestigiada revista britânica *Nature* abordou alguns parâmetros e critérios para avaliar a produção científica de boa qualidade em 53 países.¹ O estudo teve repercussão na imprensa,² e, além de gerar críticas,³ apresentou uma situação constrangedora para pesquisadores em nosso país. No Brasil, a principal agência de fomento, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), valoriza na distribuição de recursos a quantidade de trabalhos científicos publicados, mas não considera o impacto dessa produção.⁴ Desse modo, muitos recursos são aplicados em projetos dirigidos por pesquisadores menos qualificados, sem potencial para gerar impacto ou contribuições científicas relevantes. O resultado disso é um grande número de artigos publicados que não têm expressão na comunidade científica internacional.⁵

Além da *Nature*, outras publicações e analistas internacionais também passaram a se preocupar com o conceito distorcido de valorização do número de publicações para usá-lo como indicador de produtividade acadêmica. Essa é uma tradição e também uma regra seguida pelo CNPq, levando a um processo que induz à queda de qualidade e favorece a desonestidade entre pesquisadores. Esse fenômeno faz com que a ciência brasileira se desenvolva conforme o relato da revista britânica, e de uma forma dramática e inquietante, com uma série de equívocos na distribuição de recursos por nossa principal agência de fomento.

O estudo da *Nature* nos surpreendeu ao mostrar que em 2013 o Brasil gastou US\$ 30 bilhões em pesquisa e publicou somente 760 trabalhos científicos em periódicos de impacto, enquanto no mesmo ano o Chile dispendeu apenas US\$ 2 bilhões e produziu 717 artigos nas mesmas

publicações. Desse modo, nosso vizinho na América do Sul ficou na 30ª posição nesse mesmo ranking de países avaliados com base no critério de eficiência dos investimentos em ciência, no qual nós, gastando 15 vezes mais, tivemos resultado quantitativo pouco maior e acabamos ficando em 50º lugar num total de 53 nações.

Aqueles que afirmam a necessidade de o governo desfazer a recente fusão do ministério das Comunicações com o da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) se enganam ou fecham os olhos sobre a situação mostrada por observadores e analistas internacionais acerca do mau uso de nossos recursos e investimentos nos últimos anos. Tal aplicação inadequada aconteceu durante o período em que tivemos no Brasil esse ministério exclusivamente para a área de C&T. E isso não impediu nosso país de descer da 20ª para a 50ª posição na eficiência do uso de recursos, ficando entre os últimos no total de 53 que foram analisados.

É lamentável que o CNPq não tenha produzido nos últimos anos estatísticas sobre os recursos aplicados por meio de seus diferentes editais de pesquisa e sobre o rendimento desses investimentos na forma de trabalhos publicados em revistas de alto impacto. Somente um dos dirigentes do CNPq, o ex-presidente Carlos Aragão, em sua curta permanência no cargo, por menos de dois anos (2010-2011), se preocupou em elaborar essas estatísticas, inclusive propondo um plano para uma nova sistemática de avaliação, aproveitando recursos avançados de informática e a disponibilidade de consultores qualificados no exterior. Mas sua ideia foi enterrada pelo órgão depois que ele deixou o cargo.⁶

Muito mais do que a volta do MCTI, precisamos de boa administração dos recursos disponibilizados pelo governo e também de bom senso e responsabilidade ao usá-los. Um exemplo de distorção e desperdício a ser evitado é o programa Ciência sem Fronteiras, criado em 2011, que custou aos cofres públicos cerca de R\$ 6,4 bilhões em seus quatro primeiros anos,⁷ mas trouxe poucos resultados satisfatórios.⁸ No entanto, entre os que pedem a volta do MCTI, raros são os que levantam a voz para criticar esse desperdício.

*NAGIB MOHAMMED ABDALLA NASSAR, agrônomo pela Universidade do Cairo (1958), mestre em genética pela Universidade de Assiut (1965) e doutor em genética pela Universidade de Alexandria (1972), é professor emérito da Universidade de Brasília. Na década de 1970 desenvolveu híbridos de mandioca que ajudaram a salvar países da fome e são plantados em mais de 4 milhões de hectares no oeste e no leste da África. Recebeu em 2014 o Prêmio Kuwait International e o dedicou integralmente ao apoio de pesquisas de jovens cientistas sobre mandioca na UnB e à Fundação Nagib Nassar para o Desenvolvimento Científico e Sustentável.

Na imagem acima, fachada do edifício do antigo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Foto: Ascom/MCTI.

Referências

1. "Nature Index 2014, Middle & South America". *Nature*, 515, págs. 91-92, 12/11/2014.
2. Gabriel Alves, "Gasto brasileiro com ciência é muito pouco eficiente, diz Nature", *Folha de S.Paulo*, 17/11/2014.
3. Rogério Cezar de Cerqueira Leite, "Produção científica e lixo acadêmico no Brasil", *Folha*

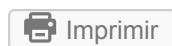
de S. Paulo, 6/1/2015.

4. Nagib Nassar, "Critérios de produção científica no CNPq", *JC Notícias*, nº 3771, 28/5/2009.
5. Nagib Nassar, "Professor da UnB comenta questão dos critérios para concessão de bolsas de produtividade do CNPq", *JC Notícias*, nº 3499, 28/4/2011.
6. Nagib Nassar, "CNPq: A configuração e os desafios", *JC Notícias*, nº 4254, 10/5/2011.
7. Jamil Chade e Victor Vieira, "Governo suspende abertura de vagas no Ciência sem Fronteiras", *O Estado de S. Paulo*, 23/9/2015.
8. Nagib Nassar, "Reflexões sobre o programa Ciência sem Fronteiras", *JC Notícias*, nº 4329, 24/8/2011.

* Os artigos de colaboradores não exprimem necessariamente a opinião de **Direto da Ciência**, e são publicados com os objetivos de promover o debate sobre a ciência, a cultura, o meio ambiente e o ensino superior e de refletir a pluralidade de ideias sobre esses temas.

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução de conteúdos de **Direto da Ciência**.

Compartilhe:



Imprimir



Email



Pin it



Share



tumblr.



in Share

6